

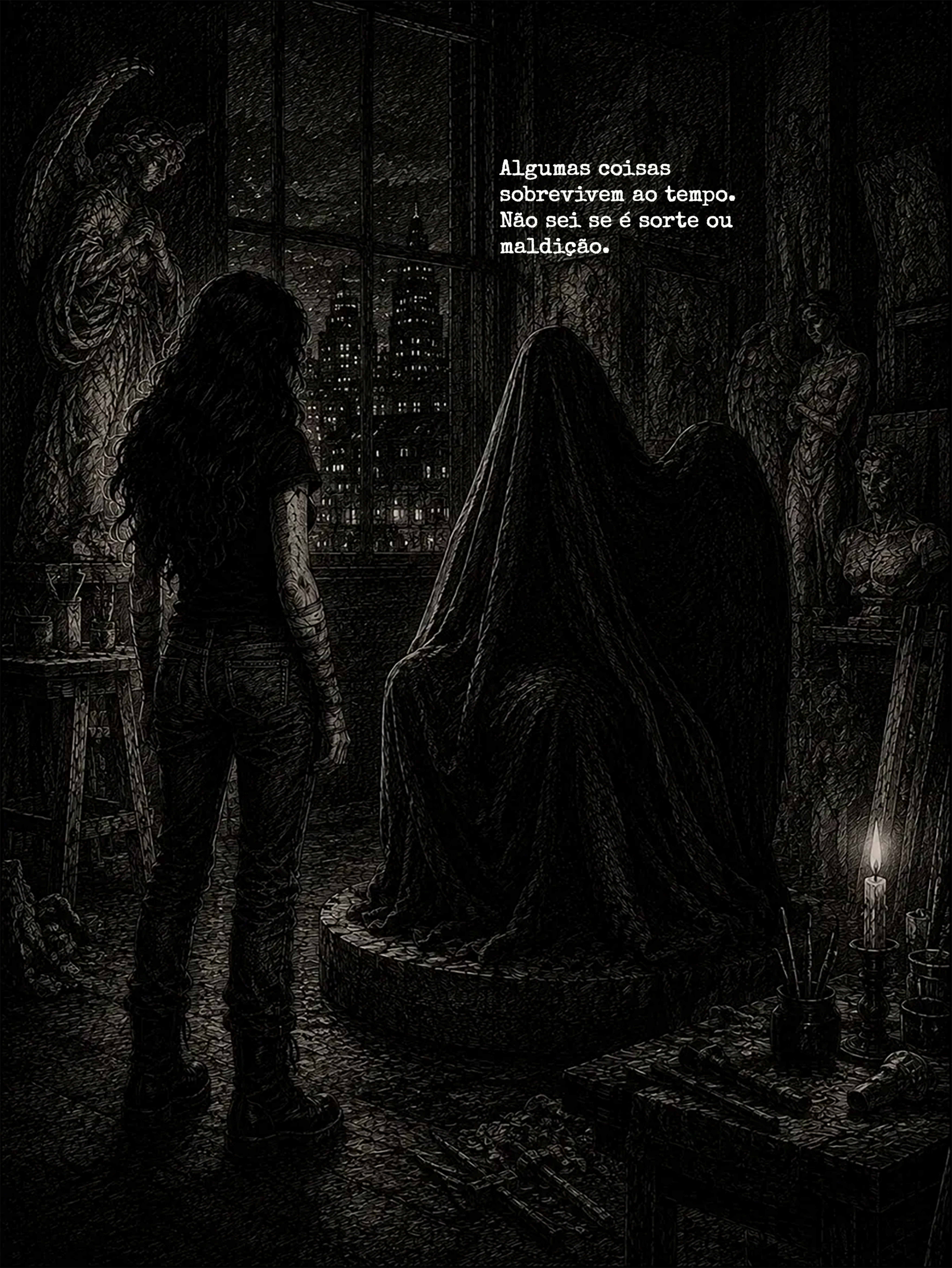
— Quem é **VOCÊ**?

— **Eu mal** sei, senhora, neste **momento**.

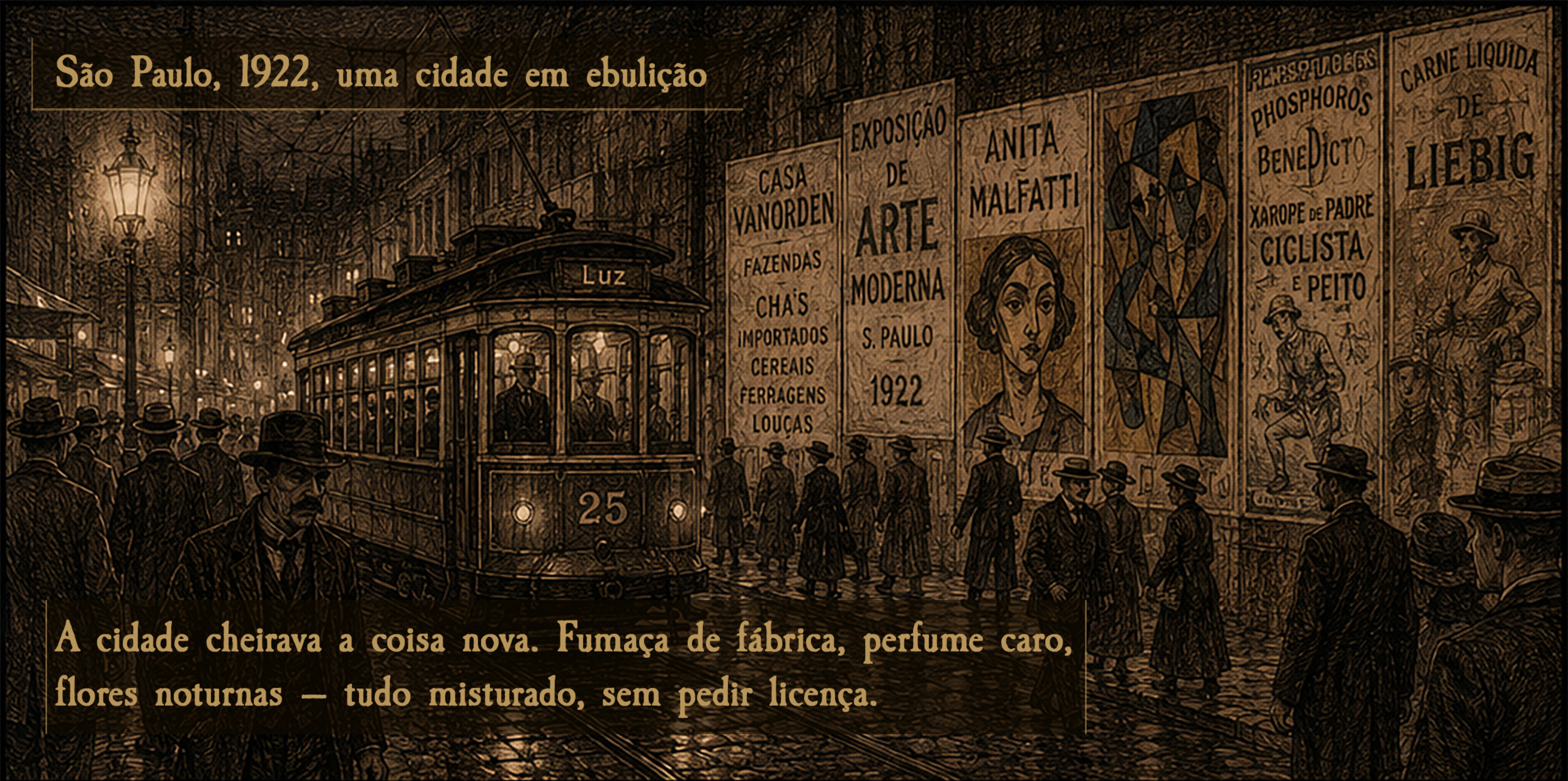


— Alice e a Lagarta

Algumas coisas
sobrevivem ao tempo.
Não sei se é sorte ou
maldição.



São Paulo, 1922, uma cidade em ebulição



A cidade cheirava a coisa nova. Fumaça de fábrica, perfume caro, flores noturnas — tudo misturado, sem pedir licença.



São Paulo estava trocando de pele.
Como eu.



Ajustei o chapéu.

Respirei fundo.

E me lancei nas ondas da mudança.



Nunca tinha visto cores brigarem assim.
Como se a tela fosse pequena demais para
o que queriam dizer.



Na plateia, aplausos, vaia e maídos
misturados. E eu pensava: que inveja. Fazer
algo que incomoda tanto.



Havia uma espécie de fúria alegre no ar. Como se alguém
tivesse aberto uma janela que estava fechada há séculos.

Os jornais estavam escandalizados.
Eu achei isso o melhor sinal
possível.





Tarsila, Anita, Pagu

Elas tinham o que eu não tinha. Pertencimento. Podiam assinar o próprio nome. Podiam ocupar o próprio espaço.



Nas mesas da Rua Direita, ninguém perguntava seu nome de verdade. Por algumas horas, eu esquecia qual das duas era a máscara.



Suas
esculturas são bonitas.
Mas tem algo dentro delas
querendo brotar — novo — se
você permitir.



Ninguém tinha me
dito isso antes. Pelo
menos não assim.

O que eu
costumava
ouvir... era
diferente. Mais
fácil de aceitar.
E muito mais
perigoso.